Haṃsa Gītā

Bhāgavata Purāṇa, 11.13

Tradução da versão em inglês por

Eleonora Meier - 2024.

O Conhecimento Espiritual Transmitido pelo Cisne Divino

OM

O Senhor disse:
1. *Sattva*, *rajas* e *tamas* são os atributos do intelecto (*buddhi*, aqui denominado *prakṛti*) e não do Eu. Portanto, por (reforçar o atributo de) *sattva*, deve-se superar (as tendências de) os outros dois (ou seja, *rajas* e *tamas*) e então, desenvolvendo *sattva* (na forma de tranquilidade perfeita) deve-se subjugar o próprio *sattva* (caracterizado por virtudes como veracidade etc.).[1]

2. Quando *sattva* se torna dominante, ele desenvolve no homem o *dharma* que é caracterizado pela devoção a Mim. *Sattva* se desenvolve pelo uso de coisas sátvicas e então leva ao *dharma* da natureza da devoção a Deus.

3. A retidão caracterizada pela devoção a Mim é a melhor forma de virtude. Ela aumenta a potência de *sattva* que elimina *rajas* e *tamas*. Quando esses dois são erradicados, a iniquidade, que tem origem nesses dois, é automaticamente exterminada.

---

[1] [“Livre-se do espinho do ‘pecado’ com o espinho da virtude, e depois jogue fora os dois.”]

4. Escrituras, águas, santos, lugares sagrados, tempo, atos, nascimento, meditação, mantras e ritos purificatórios – esses dez fatores são determinantes na promoção de um *guṇa*.[1]

5. (Desses) tudo o que é aprovado como sátvico por aqueles que são peritos nos *Śāstras* e de raciocínio maduro é (seguramente) sátvico; (os atos etc.) que eles criticam são tamásicos e aqueles em relação aos quais eles são indiferentes são rajásicos.

6. Para o desenvolvimento do *sattva guṇa*, deve-se fazer uso de coisas sátvicas.[2] O *sattva guṇa* leva à retidão da qual surge a sabedoria espiritual que (continua se desenvolvendo até que) resulta na obtenção da Autorrealização que elimina a ignorância e os *guṇas* pelos quais os corpos denso e sutil passam a existir.[3]

---

[2] (1) Escrituras que levam à renúncia ao *saṃsāra*; (2) águas sagradas; (3) [proximidade ou estudo dos ensinamentos de] reclusos ou santos que renunciaram à família e ao *saṃsāra*; (4) [Visita a lugares sagrados.] (5) *Brāhma-muhūrta* [momento auspicioso] para meditação; (6) Deveres religiosos diários; (7) Nascimento, ou seja, iniciação no caminho do conhecimento que leva à Libertação; (8) meditação no Eu; (9) Mantras como OM; (10) Ritos purificatórios relativos à própria mente.

[3] Ao argumento de que o conhecimento surge por ouvir o grande provérbio “Aquilo Tu és” e, portanto, o desenvolvimento de *sattva* ou *dharma* é supérfluo, explica-se que o conhecimento espiritual aumenta na medida em que se percebe a unicidade de *jīva* e Deus e a ignorância que causa a escravidão ao corpo sutil e denso desaparece.

7. Assim como o incêndio florestal causado pela fricção de bambus se extingue depois de queimar completamente a floresta de bambus, da mesma forma esse corpo que é produto das forças desiguais dos *guṇas* deixa de existir pelo atrito mútuo e destruição dos *guṇas*.

Udhava disse:
8. Como é que as pessoas se entregam aos prazeres dos objetos dos sentidos assim como fazem os cães, as mulas ou as cabras, embora a maioria dos mortais geralmente saiba que o desfrute desses objetos é fonte de calamidades?

O Senhor respondeu:
9. A noção deturpada de "eu"[4] (identificação do corpo com a alma) surge no coração de uma pessoa iludida com tamanha força que o terrível *rajas* toma posse (completa) da mente embora (originalmente) ela (a mente) nasça de *sattva*.

10. Na mente de uma pessoa atormentada por *rajas* surge a princípio a noção da desfrutabilidade de um objeto, e então as características específicas agradáveis (e pensamentos sobre os modos e meios de alcançá-las) se enraízam profundamente nela. Por fim, devido ao pensamento constante sobre os

---

[4] De que se é o autor independente de uma ação.

aspectos excelentes dos objetos, uma paixão irresistível por eles é gerada na mente daqueles de tal noção deturpada.

11. Sendo completamente diluído (e varrido) pela veemência de *rajas*, ele perde o controle sobre seus sentidos e órgãos e, estando à mercê de seus desejos carnais, se lança na ação, embora preveja claramente suas consequências dolorosas.

12. Mesmo que o homem de conhecimento e sabedoria possa ter seu intelecto distraído e dominado por *rajas* e *tamas*, ele deve assiduamente e com controle alerta subjugar a mente e, percebendo as más consequências (do desfrute de tais objetos), não deve se apegar a eles.

13. Tendo conquistado estabilidade ou postura corporal e controle sobre a respiração, deve-se, no horário fixo adequado, gradualmente concentrar a mente em Mim com vigilância e sem se sentir desanimado (em caso de distrações).

14. Os meios pelos quais a mente pode ser afastada de todos os outros objetos e ser correta e facilmente concentrada em Mim foram proclamados por Mim através dos meus discípulos como Sanaka e outros.

Uddhava perguntou:

15. Qual forma você assumiu quando transmitiu o conhecimento desse Yoga para Sanaka e outros (já que eles foram os primeiros da criação e, como tais, muito anteriores a você) que nasceu no fim de Dvāpara?

O Senhor respondeu:
16. Sanaka e outros, os filhos nascidos da mente do deus Brahmā, perguntaram ao pai deles sobre a fase sutil e final do Yoga (ou o conhecimento ou realização do Senhor).

Sanaka e outros perguntaram:
17. Ó Senhor! A mente naturalmente se apega (e entra) nos objetos de prazer, enquanto os objetos (assim desfrutados) entram na mente (implantando-se como latências). Como é que uma pessoa que deseja transcender ambos, a fim de se libertar do *saṁsāra,* pode se livrar deles mutuamente?

O Senhor disse:
18. A essa apresentação do problema, o grande Deus Brahmā, o Autocriado, o Criador de todos os seres, refletiu profundamente a respeito, mas como a mente dele estava absorta na atividade de criação, ele não conseguiu identificar a raiz da questão.

19. Com o desejo de saber a solução do problema o deus Brahmadeva concentrou a mente em Mim.

Assumindo a forma de um cisne[5] Eu apareci perto dele.

20. Ao Me verem, eles se aproximaram de Mim e se curvaram aos Meus pés, com o Deus Brahmā como seu líder, eles me perguntaram (através de Brahmā) “Quem é você?”

21. Quando Eu fui assim abordado pelos sábios que estavam ansiosos para saber a Verdade, por favor, ouça com atenção, ó Uddhava, o que Eu expliquei a eles.

22.[6] Se não há diferença ou multiplicidade na Realidade (ou seja, na entidade real) da Alma (e se vocês estão fazendo a pergunta em relação à Alma), como é que essa pergunta pode surgir, ó brâmanes, como, e com que base Eu posso responder (pois, devido à unicidade da Alma, Eu deixo de ser uma entidade distinta).

23. (Se a sua pergunta é relacionada a esse Meu corpo físico isso é igualmente sem sentido.) Quando,

---

[5] Assim como um cisne tem a capacidade de separar o leite da água (se uma mistura dos dois for apresentada a ele), o Senhor foi até lá para mostrar-lhes o processo de separar os objetos dos sentidos da mente.

[6] A pergunta “Quem é você” é insustentável, pois tanto as entidades sencientes quanto as não-sencientes e o *Paramātman* são um só. Pois Eu sou o Controlador Interno de todos vocês – os questionadores.

na realidade (do ponto dos constituintes dos corpos físicos de todos os seres) todos os seres são a mesma substância visto que são compostos pelos mesmos cinco elementos densos. Daí a pergunta “Quem é você" é apenas uma expressão verbal que não significa nada.

24. Por favor, compreendam firmemente que tudo o que é percebido pela mente, expresso pela fala ou captado pela visão ou por qualquer outro sentido é Eu e nada mais além de Mim.

25. A mente entra (fica enredada) nos objetos dos sentidos e os objetos gravam (permanentemente suas latências) na mente, e tanto os objetos quanto a mente constituem o corpo do *jīva* cuja alma sou Eu, ó Meus netos.[7]

26. Percebendo a Minha unicidade com ele, o *jīva* deve renunciar à (e se libertar das amarras da) mente que se envolve nos objetos dos sentidos ao se dedicar constantemente a eles, e aos objetos dos sentidos nascidos da mente que deixam suas impressões nela (na forma de reminiscências).[8]

---

[7] Tanto os objetos dos sentidos quanto a mente são queimados pelo fogo [da realização] desse Conhecimento.

[8] A combinação dos objetos dos sentidos e a mente que constitui o corpo é um adjunto ou condição limitante imposta ao *jīva* que é essencialmente *Brahman*.

27. Vigília, estado de sonho e sono profundo são os três estados da mente causados pelo domínio dos três *guṇas*; conclui-se definitivamente então que o *jīva*, por ser a testemunha desses estados, é distinto deles.

28. Como essa escravidão é sobreposta ao *Ātman* por *buddhi* (mente ou intelecto) e é, portanto, a causa do *saṃsāra* (envolvimento no ciclo de nascimentos e mortes) e como isso (erroneamente) atribui as funções dos *guṇas* ao *Ātman*, deve-se se estabelecer firmemente em Mim que, como o quarto estado, transcendo esses três estados (e assim abandonar essa escravidão). E dessa maneira a mente e os objetos dos sentidos se separam (automaticamente).

29. Compreendendo totalmente que a escravidão é causada à Alma devido ao *ahaṁkāra* (identificação falsa do corpo com a Alma) e que isso compromete a natureza original bem-aventurada da Alma, e é, portanto, a causa da miséria, deve-se abomina-lo. Deve-se (então) se estabelecer (através da meditação) no quarto estado, [ou seja, *turīya*] e descartar todos os pensamentos sobre objetos dos sentidos e (se livrar) do medo do *saṃsāra*.

30. Enquanto a noção relativa à realidade da diversidade (no mundo) não for completamente eliminada por meio de vários raciocínios, o homem

permanece (praticamente) adormecido (isto é, ignorante), embora ele esteja acordado, ou seja, diligente na realização de karmas, como um sonhador que pensa estar acordado enquanto está realmente em um sonho.

31. Todos os objetos exceto o Eu (como o corpo físico etc.) sendo irreais, as diferenças criadas por eles (por exemplo, diferença em *varṇas*, castas e *āśramas* (fases da vida), as metas prometidas (divindade no céu etc.) e suas causas (ou seja, atos prescritos nos Vedas para atingir essas metas) são todos irreais e inexistentes como as cenas de um sonho.

32. Aquele que, no estado de vigília, experimenta através de todos os seus órgãos dos sentidos cognitivos e conativos os objetos externos que são transitórios e mudam a todo momento, que, enquanto no estado de sonho, desfruta mentalmente de objetos semelhantes (àqueles percebidos no estado de vigília) e que, no sono profundo, recolhe todos eles, é um e o mesmo, o controlador de todos os órgãos dos sentidos e a testemunha dos três estados (de vigília, sonho e sono profundo), pois ele (sendo o fator comum nesses estados), se lembra de todos eles.

33. Tendo raciocinado assim logicamente e chegado à conclusão definitiva de que esses três estágios da

mente (descritos acima) são causados pelos (três) *guṇas* (de *māyā*) e sobrepostos a Mim (como *jīva*) pela Minha própria potência ilusória, e tendo aniquilado o ego (*ahaṁkāra*), a raiz e receptáculo de todas as dúvidas (sobre a igualdade entre o *Paramātman* e o *jīva*, a pluralidade de *jīva*s etc.) com a espada do conhecimento afiada pela inferência (formulada por concomitância e descontinuidade lógica), pelos preceitos dos santos (bem como) pelos textos *śruti* (*Brahma Sūtras* e *Upaniṣads*), a pessoa deve Me contemplar como o Habitante do seu coração.

34. Deve-se perceber que esse (mundo fenomênico) é simplesmente uma ilusão, apenas uma peça ou obra da mente, que é meramente aparente e evanescente, extremamente instável como a ilusão de um círculo traçado por uma tocha giratória. Deve-se entender que a consciência, embora seja uma só, aparece como muitas e que a diferença tripla nos estados provocada pela projeção dos três *guṇas* nada mais é do que *māyā* (ilusão).[9]

---

[9] Deve-se [também, do ponto de vista absoluto] constatar que a noção de que o *Paramātman* se torna muitos sob diferentes condições é uma noção errônea. Considerar *Vijñāna* ou o Brahman bem-aventurado como diferente em diferentes formas é um equívoco. Essa é a noção errônea projetada pelos três *guṇas*, falhas e outras condições.

35. Tendo desviado o olhar (pensamentos) disso (o mundo visível, o corpo etc.), a pessoa deve se livrar de todos os anseios (as *eṣaṇās* – desejo por dinheiro, reputação etc.) e permanecer inativa e silenciosa. Tornando-se assim livre de desejos, ela deve permanecer absorta na bem-aventurança da Autorrealização. Se, apesar disso, o corpo etc. é percebido (quando não se está em meditação) por puras necessidades físicas como fome, sede, chamados da natureza etc.), ele, uma vez tendo sido descartado como irreal (e algo diferente do puro *Ātman*), não (será poderoso o suficiente para) criar qualquer equívoco ou ilusão (e perturbar a meditação), embora a memória ou as impressões do corpo ou do mundo fenomênico possam permanecer até a morte do corpo.

36. Aquele que atingiu a perfeição em sabedoria espiritual (e está absorto na bem-aventurança da Alma) não está consciente se seu corpo transitório está na postura sentada ou em pé, embora por meio desse mesmo corpo ele tenha constatado a natureza essencial de seu *Ātman*. Ele não está ciente se seu corpo vem ou vai para algum lugar de acordo com seu karma ou a vontade do Senhor, assim como um homem completamente embriagado de vinho não está consciente se sua roupa está em corpo ou não.

37. Enquanto o fundo de méritos e deméritos (karmas) que deu origem ao corpo não se esgota,

esse corpo (junto com seu princípio vital e órgãos dos sentidos) definitivamente continua a sobreviver, pois ele está sob o controle da Providência. Mas aquele que dominou todos os estágios do Yoga até o estágio final chamado *samādhi* (concentração e absorção perfeita no *Ātman*) e efetuou a Realidade não recorre ao mundo irreal onírico (seu corpo, parentes, propriedades etc.) mais do que uma pessoa desperta aos objetos de sonho.

38. O que foi explicado por Mim agora para vocês, ó brâmanes, é a essência secreta dos caminhos de Sāṅkhya e Yoga. Por favor, saibam que eu sou Yajña, o próprio Senhor Viṣṇu, e vim aqui com o objetivo de ensinar (e explicar) a vocês (o segredo do) caminho correto.

39. Eu sou a meta final dos caminhos de Sāṅkhya e Yoga, da virtude (tanto em seus aspectos teóricos quanto práticos), da coragem, da prosperidade, da glória e do autocontrole, ó melhores dos brâmanes.

40. Todos os atributos excelentes, como imparcialidade e desapego, que não são causados pelas qualidades como *sattva*, *rajas* e *tamas*, encontram um refúgio em Mim, que sou desprovido de qualidades comuns e desejos superiores, o Amigo (de todos os seres), mais ainda, a própria Alma de todos eles.

41. Dessa forma, as dúvidas dos sábios como Sanaka e outros foram esclarecidas por Mim. Tendo Me adorado com devoção intensa, eles Me glorificaram com hinos e louvores.

42. Devidamente adorado por eles e celebrado em hinos pelos grandes sábios, Eu retornei para a Minha própria região enquanto Brahmā e outros sábios observavam.

OM